

Executivo do Morgan acredita que Brasil precisa de competitividade

RÉGIS NESTROVSKY
Especial para o GLOBO

NOVA YORK — “Se a América Latina estiver preparada para o mundo, o mundo está preparado para investir maciçamente no continente” — é a opinião que o economista-chefe do Morgan Guaranty Trust Corp. Rimer de Vries, tem das conversações mantidas na 40ª Reunião do FMI e do Banco Mundial, na Coréia do Sul.

GLOBO — O senhor acha que algo vai resultar dessa reunião ou é apenas conversa?

DE VRIES — Não é apenas conversa. O Secretário do Tesouro James Baker fala sério. Quando diz algo, ele tem intenções de agir, de fazer. Assim, se ele falou em US\$ 29 bilhões, é porque ele tem um estudo preparado para agir nesse sentido, não. Não é conversa fiada. O Banco Mundial, o FMI e os bancos comerciais estão preparados para participar dessa operação. Agora, há certos aspectos nas economias dos países endividados que precisam ser reestruturados. México, Brasil e Argentina têm de ser mais competitivos. Isso significa abrir seus mercados ao capital estrangeiro. Isto quer dizer uma política de taxas de juros baixa e poupança para ser investida.

O México, em particular, teve uma grande fuga de capitais. De cada US\$ bilhão investidos no continente, US\$ 3 deixaram a América Latina.

Não há oportunidades suficientes para o capital estrangeiro nesses países. Eles se protegem, se fecham demais. US\$ 100 bilhões deixaram o continente e eu pergunto: por quê? Esse capital significa que nem os próprios cidadãos confiam em suas economias. Como é que um estrangeiro vai investir? Mas, voltando ao plano de Baker, ele tem duas partes: a primeira é o capital do Banco Mundial e dos bancos comerciais que vai entrar no continente. A segunda parte é a reestruturação econômica por que tem de passar as economias latinas.

GLOBO — O que o senhor chama de reestruturação?

DE VRIES — Uma inflação mais baixa; uma maior ação para o setor privado, tanto nacional como estrangeiro; mas oportunidades de investimentos, lucros e incentivos. Isso quer dizer o fim das cotas de importações, o fim das altas tarifas para produtos importados e das proteções. O Brasil, por exemplo, não dá liberdade de ação à empresa multinacional. O setor Governo está muito grande. Tem de haver uma fase de desestatização no mundo inteiro, na Europa inclusive.